

**UMA REFLEXÃO DA REESTRUTURAÇÃO URBANA EM XANGAI****A REFLECTION ON THE URBAN RESTRUCTURING IN SHANGHAI****UNA REFLEXION DE LA RESTRUTURACIÓN UBANA EN XANGAI****Pierre Alves Costa**Universidade Estadual do Centro-Oeste - Guarapuava (UNICENTRO)  
[alvespierre75@gmail.com](mailto:alvespierre75@gmail.com)**Lisandro Pezzi Schmidt**Universidade Estadual do Centro-Oeste - Guarapuava (UNICENTRO)  
[lpezzi@unicentro.br](mailto:lpezzi@unicentro.br)

*A reestruturação transmite a noção de uma ruptura com tendências seculares e de uma mudança em direção a uma ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política. Evoca, pois, uma combinação sequencial de destruição e tentativa de reconstrução, provenientes de certas deficiências ou debilidades na ordem estabelecida que impedem adaptações convencionais e requerem, por sua vez, significativa mudança estrutural [...]. A reestruturação sugere fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, uma mescla complexa de continuidade e mudança.*

Edward Soja

Economic restructuring and the internationalization of Los Angeles.

## Destaques

- Procura-se analisar o processo de reestruturação urbana de Xangai, a partir dos anos 1990, com forte enfoque no planejamento; e, almejando a prosperidade comum e o futuro compartilhado.
- O Estado preparou o território para receber o capital estrangeiro; formando uma economia continental, unificada e recortada por milhares de quilômetros de linhas de trens de alta velocidade, estradas e linhas de metrô.
- O planejamento urbano e as reformas econômicas remodelaram a paisagem urbana de Xangai; e a alçaram a um dos três mais importantes centros financeiros da Ásia.
- Convivem, simultaneamente, o socialismo moderno com características chinesas e uma grande intensificação da circulação do capital.

## RESUMO

A pesquisa tem como intuito principal examinar o processo de reestruturação urbana de Xangai, situada na República Popular da China, no período de 1990 a 2024; a partir de elementos que interagem com as inovações e que almejam a prosperidade comum e o futuro compartilhado. Para isso, o texto aborda de forma descritiva e exploratória a revisão da literatura sobre a China, com enfoque na cidade de Xangai. Ressalta-se como o planejamento urbano e as reformas econômicas remodelaram a paisagem urbana e a alçaram a um dos três mais importantes centros financeiros da Ásia; e, apresenta como principais efeitos: a descentralização, a expansão e a renovação de estruturas urbanas. Verifica-se um processo de substituição do uso do solo urbano, com a recuperação de estruturas existentes e a reorientação para circulação do capital.

**Palavras-chave:** Planejamento urbano estratégico; Reestruturação urbana; Grandes projetos; Gestão urbana; Uso do solo.

## ABSTRACT

The main purpose of the research is to examine the process of urban restructuring that occurred from 1990 to 2024 in Shanghai, located in the People's Republic of China, focusing on elements that interact with innovations, aimed at common prosperity and a shared future. To this end, the text descriptively and exploratively reviews literature about China, with an emphasis on the city of Shanghai. It highlights how urban planning and economic reforms have reshaped the urban landscape, elevating the region to one of the three most important financial centers in Asia. The study identifies key effects such as decentralization, expansion, and the renewal of urban structures. A process of urban land-use substitution is observed, involving the recovery of existing structures and reorientation for capital circulation.

**Keywords:** Strategic urban planning; Urban restructuring; Major projects; Urban management; Land use.

## RESUMEN

El objetivo principal de la investigación es examinar el proceso de reestructuración urbana en Shanghai, situada en la República Popular China, de 1990 a 2024; a partir de elementos que interactúan con las innovaciones y que apuntan a la prosperidad común y un futuro compartido. Para eso, el texto aborda de forma descriptiva e exploratoria la revisión de la literatura sobre a China, con enfoque en la ciudad de Xangai. Se destaca cómo la planificación urbana y las reformas económicas remodelaron el paisaje urbano y lo elevaron a uno de los tres centros financieros más importantes de Asia; y sus principales efectos son: descentralización, ampliación y renovación de las estructuras urbanas. Hay un proceso de sustitución del uso del suelo urbano, con la recuperación de estructuras existentes y la reorientación para la circulación de capitales.

**Palabras clave:** Planificación urbana estratégica; Reestructuración urbana; Grandes proyectos; Gestión urbana; Uso del suelo.



## INTRODUÇÃO

Os eventos e as realizações no espaço urbano, sobretudo, acompanhados sob o viés econômico, social e político dominantes no centro das decisões e das estratégias políticas em diferentes cidades, produzem efeitos diversos para os lugares, para a vida coletiva e para a identidade social. A velocidade dos eventos no espaço urbano reforça, como afirma Ribeiro (2008, p.191) “a sincronização que atualiza o urbano se constitui num elemento central das condições gerais da produção contemporânea”.

A realidade urbana global atual, poderia ser desvendada conforme o que os autores denominam de urbanismo neoliberal ou pelos processos de neoliberalização urbana (Peck, Theodore e Brenner, 2009). Brenner (2018) complementa que a urbanização neoliberal, assim como o urbanismo neoliberal, não se trata de uma forma unificada e homogênea de governança urbana, mas representa uma síndrome ampla de instituições, políticas e estratégias regulatórias de mercado.

Sánchez (2001), já destacava o processo de mercantilização do espaço, ao evidenciar processos de reestruturação urbana na década de 1990, pelas estratégias do poder político, nos casos de Curitiba, Barcelona, Montpellier, Lille, Nantes, Oxford, Manchester, Baltimore, Boston e Chicago.

No século XXI, a China vem sendo apontada como um aspecto fundamental de interpretação das dinâmicas do espaço mundial. Conforme Lin e Yi (2011), a terra é utilizada como um ativo crucial para servir o duplo objetivo de aumentar a urbanização, bem como de acumulação de capital local.

Uma sucessão de informações revela alterações significativas no desenvolvimento chinês após a crise econômica de 2008. Conforme o relatório do *Mckinsey Global Institute*, por exemplo, a China tem se tornado menos dependente do mercado mundial, o que se ampara por um célere processo de desenvolvimento da industrialização, da urbanização; e, portanto, de seu mercado interno (Woetze, Seong e Leung, 2019). Todavia, a tentativa de sobrepujar a crise de acumulação, impulsiona a China para o maior crescimento urbano que o mundo vem presenciando; especialmente, pelo Estado em suas distintas funções, como um projetador<sup>1</sup> e regulador na escala

---

<sup>1</sup> Provém da Economia de Projeto. Para uma análise sobre a Economia de Projeto, ver Rangel (1959). Sobre a (Nova) Economia do Projeto ver: Jabbour *et al.*, (2020), Jabbour e Gabriele (2021) e Jabour e Gomes (2024).



nacional. E, como executor imobiliário e comerciante de terra em escala local, o Estado vem obtendo investimentos externos através da concessão de terra barata para a indústria e, implantando infraestruturas que respaldam o processo (Wu, 2008, 2015 e 2016).

Nessa direção, a pesquisa se fundamenta na interação das intervenções no espaço urbano de Xangai para o período de 1990 a 2024. O estudo destaca efeitos da urbanização contemporânea (Brenner, 2013, 2018), por meio da compreensão do processo de reestruturação urbana abordado por (Sánchez, 2001; Brenner, 2013), a gestão e as transformações estruturais na China por Harvey (2015); e, baseia-se nas interpretações do planejamento estratégico e reorganização do espaço urbano por Reis (2020). A partir de elementos que interagem, de algum modo, com as inovações que almejam a prosperidade comum e o futuro compartilhado, no contexto das políticas de Reforma e Abertura do governo de Deng Xiaoping (1978-1992)<sup>2</sup>; observa-se a reestruturação promovida no espaço urbano de Xangai.

O artigo enfoca de forma descritiva e exploratória a revisão da literatura sobre a urbanização de Xangai. Na primeira seção, aborda-se as metamorfoses e os vetores da urbanização da China; e, na segunda seção, discorre-se sobre a produção e as intervenções em Xangai no período de 1990 a 2024, objeto de análise durante trabalho de campo, em 2024. Por último, as considerações finais.

A realização da pesquisa contempla um olhar no “sistema socialista moderno com características chinesas”<sup>3</sup> e os acontecimentos que se refletem na produção do espaço urbano; na qual relaciona-se o forte papel do Estado e dos instrumentos e estratégias que amplificam a circulação de capital.

## **AS METAMORFOSES E OS VETORES DA URBANIZAÇÃO DA CHINA**

As metamorfoses na urbanização chinesa são parte de um fenômeno mais acentuado que vem acontecendo no país, principalmente após as Reformas desde o fim

---

<sup>2</sup> Baseado em Pautasso e Nogara (2024).

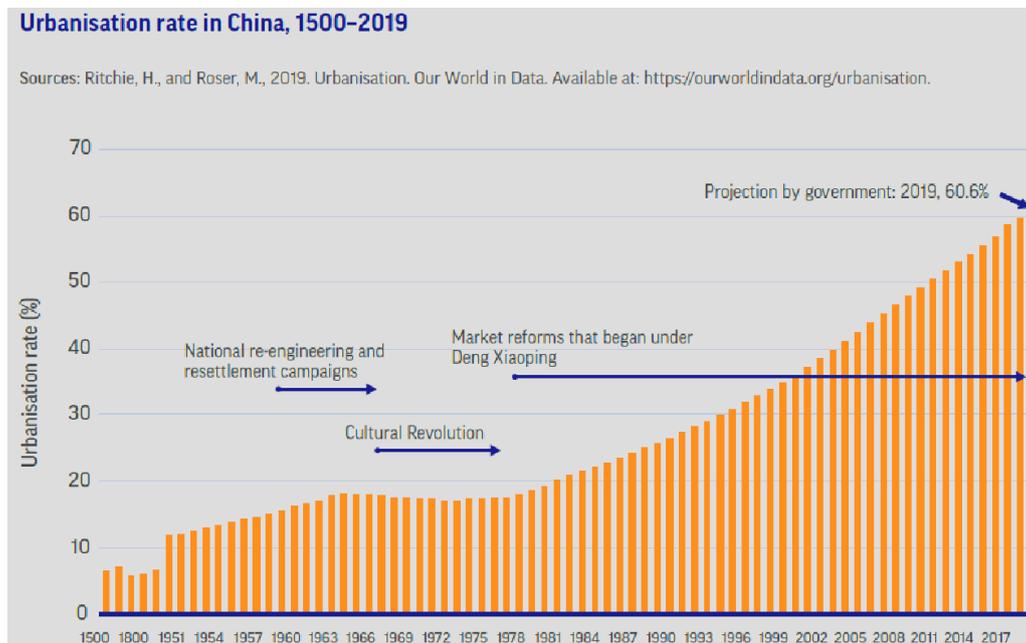
<sup>3</sup> Adaptada do discurso proferido pelo Secretário-Geral e Presidente da República Popular da China, Xi Jinping, em 1º de julho de 2021; na cerimônia oficial de comemoração dos 100 anos de fundação do Partido Comunista da China (PCCh). Xi Jinping utiliza várias vezes a expressão socialismo moderno com características chinesas. Disponível em: <https://i21.org.br/especial-centenario-do-partido-comunista-da-china/integra-do-discurso-de-xi-jinping-no-centenario-do-pcch/>. Acesso em: 29 jul. 2024.



dos anos de 1970, com ênfase para o período posterior ao decênio de 1990 e, que apresenta com aspecto primordial a função que a terra executa no processo de acumulação de capital (Shin e Zhao, 2018; Wu, 2008, 2016).

A urbanização chinesa contemporânea, a maior e mais rápida que a humanidade presencia, tem sido um dos motores primordiais dessa escalada hodierna do país no cenário mundial. Segundo Ye *et al.*, (2020), ao longo dos quatro decênios de políticas de Reforma e Abertura, a população urbana chinesa mais que triplicou em termos relativos – a taxa de urbanização do país passou de 18% em 1978 para 60% em 2018 (gráfico 1). Ou seja, “o número de cidades aumentou de 193 para 672, e o número de vilas aumentou de 2.176 para 21.297” (Ye *et al.*, 2020, p. 22). Só entre 1996 e 2019 cerca de 460 milhões de chineses de áreas rurais migraram para as cidades. A população urbana permanente<sup>4</sup>, que em 1978 era de 170 milhões de pessoas, passou para 831 milhões em 2018.

**Gráfico 1 - Taxa de urbanização da China (1500-2019).**



Fonte: Ye *et al.*, (2020, p. 13).

<sup>4</sup> Segundo o Sistema de Registro Domiciliar, o Sistema *Hukou*; usado pela China para detectar o indivíduo e a família relacionados a uma área de residência. Registros semelhantes são verificados nos países vizinhos caracterizados historicamente pela presença da China, como o Japão, o Vietnã e as Coreias. Na China, o sistema é objeto de críticas; e, desde 2014, o Conselho de Estado vem flexibilizando a sua rigidez nas pequenas cidades e áreas especiais.



Acrescentam-se a esse quadro as probabilidades para os próximos anos e decênios. Para Ye *et al.*, (2020), a previsão é de que em 2030 a taxa de urbanização da China alcance 70% da população total, alcançando a marca de 1 bilhão de pessoas. Nos próximos 15 a 20 anos as cidades deverão receber cerca de 12 milhões de pessoas por ano e, até 2050, espera-se que a população urbana seja ampliada em até 255 milhões de pessoas.

A rápida e pujante industrialização que acompanhou a urbanização ocasionou expressivo acúmulo de capital no período e tem estimulado a China aos investimentos estrangeiros, o que tem sido realizado fundamentalmente por meio de vultosos projetos de infraestrutura e de Investimento Direto Estrangeiro, atualmente ligados ao *Belt and Road Initiative*, denominado por alguns de Nova Rota da Seda (Pinto, 2020; Pautasso e Nogara, 2024).

Observa-se, como característica principal desse processo, a mutação da terra em um bem comercializável, o que aconteceu já na década de 1980, por meio de alterações legislativas que tinham como propósito orquestrar Pequim, como uma cidade internacionalizada para as Olimpíadas de 2008 (Shin e Zhao, 2018). A terra como um bem comercializável foi primordial na edificação de infraestruturas que solucionassem aos novos interesses do mercado imobiliário; que passou a fazer parte do processo de financeirização mundial. Dessa forma, ampliando a urbanização a partir de instrumentos que conectam o mercado imobiliário ao setor de capitais mundializados (Pinto, 2020).

Conforme Lin e Yi (2011), na última década, ocorreu o crescimento econômico e mudanças estruturais na economia, na sociedade e na organização espacial chinesas, como consequência do aprofundamento da reforma do mercado e da globalização, acompanhado pela urbanização acelerada da população e da terra. Para Lin e Yi (2011), as políticas fiscais e a regulamentação dos direitos de utilização dos terrenos urbanos têm sido algumas das abordagens adotadas pelos governos locais para promover a urbanização, como o arrendamento de terras que fortaleceu a base tributária local e ajudou a aumentar as receitas do governo para desenvolver e manter a infraestrutura urbana.

Para Jabbour (2020, s/p):

A Nova Economia do Projetoamento (expressão máxima de uma maxirracionalização do processo de produção e planificação pela via da ampla utilização de todo aparato tecnológico inerente ao *Big Data*, à plataforma 5G e aos aportes em matéria de Inteligência Artificial) é sinônimo de uma



economia voltada à consecução de grandes projetos e que tem na demanda seu elemento propulsor. As capacidades ociosas na economia estão sob controle estatal, indicando superação da “incerteza keynesiana”. É a base que sustenta a mais avançada engenharia humana e social do mundo em que vivemos.

Segundo Lin e Yi (2011, p.54),

Os desenvolvimentos recentes na economia chinesa cada vez mais globalizada e urbanizada trouxeram uma nova situação em que a urbanização, a mudança no uso do solo e as finanças públicas locais já não podem ser entendidas separadamente. A reformulação da relação fiscal entre o estado central e os governos locais, primeiro na década de 1980 e depois novamente em 1994, descentralizou efetivamente as responsabilidades de investimento e recentralizou a cobrança de impostos, exigindo que os governos municipais prosseguissem o desenvolvimento da terra como um meio importante de geração de receitas para financiar o crescimento econômico e a urbanização. A mercantilização do sistema de distribuição de terras desde o final da década de 1980 deu início a um mercado de terras de via dupla, com assimetria notável entre os diferentes segmentos de mercado.

Em Xangai, o desenvolvimento da aglomeração, como aborda Reis (2020) pode ser dividido em três fases: da formação da vila à ocupação estrangeira, o período republicano e a fase contemporânea. Nessa última fase, como destaca Reis (2020), o desenvolvimento de áreas estratégicas, inicialmente, recai sobre as cidades do delta do rio das Pérolas, que passam por transformações profundas e rápidas e se tornam o motor da economia chinesa, com destaque as cidades de Shenzhen e Guangzhou e mais tarde efeitos na estrutura física de Xangai.

Com efeito, na década de 1990, começou no território, a reforma das empresas públicas e a permissão de operação de empresas privadas, o que atingiu a reestruturação de Xangai, antes conduzida por políticas do governo central (Reis, 2020).

Como enfatiza Reis (2020, p.4):

A estrutura estatal da China, que em primeira e última instância é o que define os processos de planejamento, a despeito de toda a flexibilização dos últimos anos, não parece guardar similaridade com a de nenhum Estado latino-americano. As políticas públicas, de modo geral, e de infraestrutura, em particular, seguem lá uma lógica diferente daquela do ciclo da política pública que conhecemos. Elas são estruturadas em uma hierarquia clara e rígida, desde planos nacionais amplos até medidas de implementação específicas para determinados setores e cuja agenda é definida em ciclos contínuos de cinco anos, em plenária do Comitê Central do Partido. Ali, determinam-se as principais áreas temáticas a serem abordadas na década seguinte, as quais são tornadas públicas nas Recomendações dos Planos Quinquenais.

Assim, nota-se que, os efeitos e a aceleração no uso do solo passam a ser percebidos em diferentes setores econômicos e, conseqüentemente, o movimento de



mercado de terras. Acentua Reis (2020, p. 12) “Esse novo contexto de interação entre a abertura para a economia de mercado e as políticas de Estado mostrou-se fundamental para a reorganização do espaço urbano”. Para Sánchez (2001, p.33):

A existência de um mercado de cidades, como um fenômeno recente, mostra a importância cada vez maior do espaço no capitalismo – a orientação estratégica para a conquista do espaço, que agora alcança cidades como um todo, postas em circulação num mercado mundial – evidencia a produção global do espaço social.

O redirecionamento das estratégias do governo gerou impactos diretos para atração de investimentos, estimulado, sobretudo, na ampliação e melhoria da infraestrutura. Além disso, a acessibilidade aos diferentes usos promovidos pela reestruturação, é facilitado pelo uso de aplicativos (*Alipay e Wechat*), que promovem melhoria para as transações de capital.

### **A PRODUÇÃO E AS INTERVENÇÕES EM XANGAI**

De acordo com Lin e Yi (2011), as reformas institucionais na China, desde a década de 1990, particularmente, a introdução do sistema de partilha de impostos ocorrido em 1994, forneceram um quadro em que a urbanização foi baseada na terra e centrada na cidade.

A respeito da evolução demográfica, observamos que em 1900, Xangai possuía uma população de aproximadamente um milhão de habitantes; dois milhões em 1915 e três milhões em 1930 (Lu, 1999). Em 1936, Xangai era a sétima maior do mundo. Vinte anos depois, Xangai já apresentava um total de 6.204.400 residentes e manteve altas taxas de crescimento populacional desde o início das contagens censitárias. Dos dados disponíveis, destacam-se saltos expressivos após o período das reformas econômicas. Como se pode constatar na Tabela 1, o censo de 2010 apresentou uma população total de 23.019.200 de habitantes na sua área administrativa, atingindo um crescimento de 40,3% desde o censo de 2000.



**Tabela 1.** Xangai (China): dinâmica demográfica (1953-2024).

Ano	Pop Total	Taxa de crescimento demográfico (%)
1953	6.204.400	--
1964	10.816.500	74,3
1982	11.859.700	9,6
1990	13.341.900	12,5
2000	16.407.700	23,0
2010	23.019.200	40,3
2012	23.710.000	3,0
2014	24.151.500	1,9
2024	22.315.000	-7,6

Fonte: *Shanghai Bureau of Statistics, Statistics on National Population Census; Geonmes.org; World Population Review.*

Nesse mesmo período, a região do delta do rio *Yangtzé*, cujas principais cidades são Xangai, Nanjing, Hangzhou, Suzhou, Ningbo e Wuxi, estimava uma população de noventa milhões de habitantes, apenas na área urbana. Destes, cerca de dez milhões residiam e trabalhavam nos limites da aglomeração, sem possuir o *hukou* (Zheng e Bohong, 2012). No ano de 2000, o número de não registrados era de três milhões, o que aponta um acréscimo de mais de 60% no número de migrantes sem possibilidade aos mesmos direitos que os antigos residentes. Por conta do aumento verificado nos decênios anteriores, o ano de 2010 representou um momento de maior rigidez no controle do registro populacional, o que elucida, dessa forma, uma diminuição no número de habitantes.

Foi no início dos anos 1990, com a ascensão de Jiang Zemin<sup>5</sup> à chefia do governo central, que Xangai começou a ter autonomia administrativa; permitindo o governo local atrair investimentos estrangeiros, como acontecia em outras cidades no mundo. Reis (2020) reforça que a importância de Xangai no contexto nacional teve início na década de 1990, pela ascensão de Jiang Zemin à chefia do governo central, quando, então, em decorrência da autonomia administrativa, o planejamento urbano começa apresentar outras propostas de intervenção.

<sup>5</sup> Engenheiro eletricitista (1947) e político chinês. Durante a faculdade, juntou-se ao Partido Comunista da China. Em 1983, ocupou o cargo de ministro das indústrias. Em 1985, tornou-se prefeito de Xangai. Foi o 5.º Presidente da República Popular da China de 1993 a 2003 e Secretário-Geral do Partido Comunista da China de 1989 a 2002. Faleceu aos 96 anos, em 2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/11/morre-jiang-zemin-ex-presidente-que-comandou-a-china-durante-decada-de-crescimento-meteorico.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2024.



Na pesquisa realizada em campo, vários foram os aspectos identificados e sentidos de como a inovação e o conjunto de decisões políticas e técnicas passaram a ser predominantes na integração dos lugares e em diferentes setores em Xangai (Figura 1 - 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5).

No conjunto dos projetos e das intervenções em Xangai, relaciona-se a ideia do pensamento prático em urbanismo, como afirma Chalas (2013). Em que, a politização do urbanismo como uma das modalidades do pensamento prático, significando que o debate público e aberto “de essência política, sobre a organização da cidade e do estar-junto na cidade, torna-se a garantia de um melhor urbanismo ou de um urbanismo ótimo mais do que a excelência técnica, estética, funcional e racional” (Chalas, 2013, p. 42).

Nessas condições, o modelo de planejamento urbano, portanto, possibilitou ao Estado, simultaneamente operar como transformador das instituições socialistas; e também como executor e financiador do desenvolvimento (Zhang, 2003). Assegurando, assim, à China um novo *status* entre as potências mundiais. Esses processos, possibilitaram a retomada de Xangai como um dos três mais importantes centros financeiros asiático (e, também com relevância mundial) – como se observa no *Bund* e no *New Development Bank* (NDB) ou, popularmente conhecido, como Banco dos BRICS.

Localizado na zona de paisagem histórica e cultural do *Bund* (figura 1.1), no centro da cidade e na junção do rio *Huangpu* e do riacho *Suizhou* (figura 1.2), o *Bund* é o ponto de partida da modernização de Xangai e a origem da civilização comercial moderna da cidade. Com a rua *Yuanmingyuan* (figura 1.3) como centro, o *Bund* conserva uma série de edifícios históricos construídos entre 1920 e 1936 numa variedade de estilos.

Em 2002, foi lançado o Projeto de Renovação do *Bund*, baseado no princípio de “recriar o estilo e a função”, reunindo sabedoria e planejamento, construindo uma área de referência multifuncional e de alta qualidade, integrando a paisagem histórica e cultural, atividades públicas de lazer e distritos financeiros e comerciais de alta qualidade.



**Figura 1** – Vistas parciais dos centros comercial e financeiro das regiões do *Bund* e distrito de *Pudong* (Xangai /China).



**Fonte:** Missão Técnica Brasil-China 2024 e X @fatosDeFatos.

No processo de revitalização de Xangai como, novamente, um centro econômico financeiro importante na Ásia (e no mundo), uma das suas evidências, foi a



transferência da sede do *New Development Bank* (NDB) para a cidade de Xangai em 2021 – localizado no distrito de *Pudong* (ver figuras 1.4, 1.5 e figura 2).<sup>6</sup>

O BRICS é um banco multilateral de desenvolvimento com o intuito de mobilizar recursos para projetos de infraestrutura e desenvolvimento sustentável. Portanto, prioriza projetos que impulsionam o crescimento econômico e melhoram a vida das pessoas nos países membros, visando moldar um futuro sustentável. Dentro do amplo espectro de infraestrutura e desenvolvimento sustentável, as operações do NDB durante o período 2022-2026 estarão concentradas, mas não se limitarão às seguintes áreas: a) energia limpa e eficiência energética; b) infraestrutura de transporte; c) água e saneamento; d) proteção ambiental; e) infraestrutura social; f) infraestrutura digital.

**Figura 2** - Vista do *New Development Bank* (NDB) – Distrito de *Pudong* (Xangai /China).



Fonte: *Xinghua/Fung/Zhe*.

Para Reis (2020, p.4), “a renovação das cidades chinesas é um processo intenso e violento e, como ocorre alhures, a modernização mostra a sua face perversa nos

<sup>6</sup> O Banco foi fundado em 2014 durante a Cúpula dos BRICS, em Fortaleza. Em 2023, a ex-Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff foi selecionada para ser a nova Presidenta do Banco BRICS, constituído pelos representantes da África do Sul, Brasil, Rússia, Índia e China. Em janeiro de 2024, o Banco BRICS foi ampliado para incluir: Egito, Etiópia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Irã.



processos de disciplinamento para novos usos”. O que está associado a essas intervenções é a existência de um planejamento urbano estratégico, pois:

Com a mudança de estratégia econômica e a retomada de Xangai como a mais importante cidade do país, uma fase de descentralização da estrutura urbana se inicia. Áreas residenciais são construídas fora dos limites anteriores – no centro expandido, nas áreas suburbanas, nas áreas rurais e também se derramam em direção aos limites das cidades adjacentes – enquanto o centro passa por um processo de reconstrução absolutamente formidável na história das cidades (Reis, 2020, p. 14).

O quadro de mudanças que promoveu a reorientação do desenvolvimento da cidade, como afirma Reis (2020) foram apoiados nas diretrizes dos Planos Diretores de 1986, 1991, 1999, 2017 e o Plano da Expo 2000; bem como nas políticas macroeconômicas do governo central (vide figura 3).

**Figura 3** – Imagens de alguns dos Planos Diretores de Xangai (China).



Fonte: Shanghai Urban Planning, 2024.

O *Shanghai Master Plan* (1986) procurou solucionar os problemas urbanos, levando em consideração a aptidão futura da cidade; fixando a ampliação máxima do centro e sua conexão com as áreas contíguas, periféricas e satélites; tal e qual a forma e ímpeto da conurbação. Esse plano determinou, também, que as regiões de *Pudong* e



*Lujiazui* seriam modernizadas e teriam sua função voltada para usos nobres; com ampliação da circulação entre essas regiões e o centro. Nesse sentido,

Como resultado direto do plano, e aproveitando a possibilidade da aplicação de compensações financeiras, a administração local começa a promover o reajuste dos usos do solo nessas regiões, com a reconstrução das áreas deterioradas e a redistribuição tanto das ocupações residenciais como das industriais (Reis, 2020, p. 17).

Concordamos com Nova (2024), ao defender que a nova economia do projetamento, desenvolvida a partir dos anos 1980 na China, se manifesta territorialmente mediante a planificação do desenvolvimento urbano-regional desigual; calcado em formas-projeto, contemplando os equipamentos e infraestruturas urbanas e de transporte. Portanto, para fomentar a instalação de novas cidades e ampliação de cidades existentes na região do delta do *Yangtzé*, e conforme o pressuposto no plano de 1986, o governo central retornou sua atenção para o desenvolvimento da região de *Pudong* com a elaboração do *Comprehensive Plano f Pudong New District* (1991).

Tendo como um dos fins o crescimento do setor financeiro, do comércio exterior e de serviços; e a ascensão de Xangai à categoria de cidade global destaca-se o distrito de *Pudong*. O distrito de *Pudong* está situado na margem leste do rio *Huangpu*; abrangendo uma área de 842 m<sup>2</sup> e localização privilegiada, de frente para o oceano Pacífico e para o *Bund* – antigo distrito financeiro da cidade (Figuras 1 e 4).

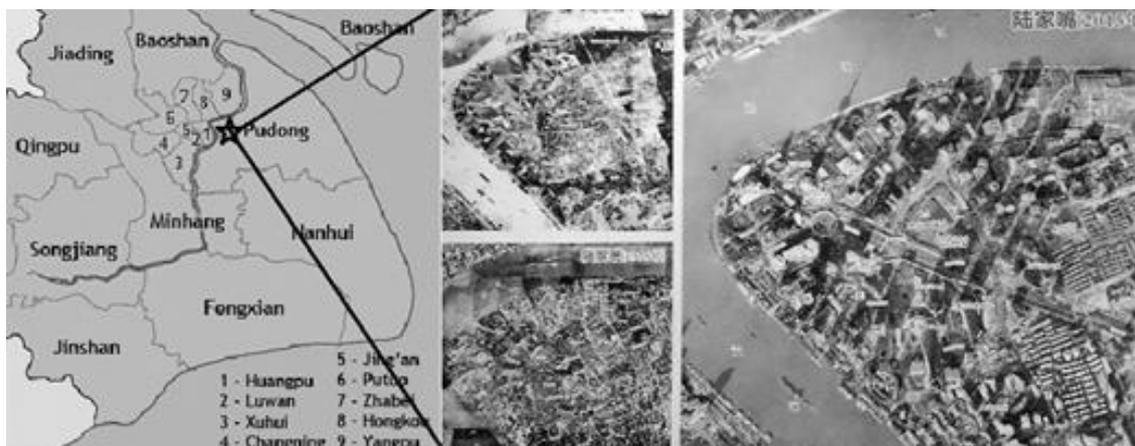
No exame do plano das intervenções e como a mudança no uso do solo promoveu a reestruturação em Xangai, observa-se nas figuras 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5 os registros que participam da reestruturação de Xangai; o que indica competitividade e a aderência aos projetos executados. Figurando como a “politização do urbanismo” ou o “urbanismo político”, como afirma Chalas (2013); onde “não apenas que os políticos ocupam a cena pública que é a do urbanismo (...). Todavia, significa que são os políticos mais que os técnicos que hoje, sobre a questão dos bairros, da cidade e dos projetos, respondem ou oferecem, ouvem ou propõem e negociam soluções” (Chalas, 2013, p. 42).

O desenvolvimento de *Pudong* se sobressai como exemplo de ação direta de planejamento do governo central pela transformação da região de *Lujiazui* em centro financeiro de relevância global (ver figuras 1 e 4). O progresso dessa região passou a ser prioridade das reformas econômicas chinesas; integrando a estratégia de desenvolvimento nacional de expressivo êxito (Li e Wu, 2006).



**Figura 4** – Divisão administrativa de Xangai (China).

Destaque para a área de *Lujiazui*, no distrito de *Pudong*.



Fonte: Reis, 2020, p. 11.

De 1990 a 2000, o Produto Interno Bruto de Xangai aumentou de 75,5 bilhões de yuans para 456 bilhões; com uma taxa de crescimento médio anual de expressivo 20,8%. Ao passo que a China crescia 8% ao ano nessa década (Zhang, 2003; Yusuf e Wu, 2002). Com todas as transformações em curso, Xangai ficou atraente para inúmeras instituições financeiras, empresas e representações transnacionais. Ademais, conquistou um volume crescente de investimentos nas mais diversas áreas da produção.

O reordenamento foi intensificado nos planos diretores vindouros, especialmente no de 1999, o *Shanghai Master Plan 1999-2020* bem como, pelo *Shanghai Expo 2010 Master Plan*. O planejamento em larga escala permitiu a edificação do centro financeiro de *Lujiazui*, concedendo ao espaço o mesmo caráter de Central Business District da cidade ocidental. Em seus limites, situam-se a maior parte dos icônicos arranha-céus de Xangai; tal qual, zonas industriais.

Ressalta-se que os planos de 1991 e de 1999, seguidamente vinculados com o plano da Expo 2010, possibilitaram à Xangai um acervo de conhecimentos pertinente ao planejamento urbano. Ademais, concordamos com Reis (2020, p. 20) ao afirmar que esses planos:

Se não dirimiram os problemas, ao menos mitigaram parte significativa daqueles causados pela associação entre, de um lado, a orientação estreita do planejamento socialista e, de outro, a intensidade do processo urbano que a China, e particularmente Xangai, enfrentara nas últimas décadas.



A respeito do *Shanghai Master Plan 1999-2020*, observa-se que o mesmo possui a tônica na reorganização da relação centro-bairros e na integração do centro com subúrbios e cidades adjacentes; com o fim da efetividade das relações. Concebeu-se a urbanização dos subúrbios, examinando tanto o processo de migração para Xangai, como o processo de atenuação das densidades das áreas centrais. Já no centro antigo da cidade, realizou-se a melhoria do padrão das habitações, por meio: i) do incentivo à renovação urbana; ii) do reaproveitamento de espaços antigos e obsoletos por usos novos e criativos; iii) do estímulo aos usos dos setores terciário de alto padrão e quaternário; iv) programas de conservação do patrimônio histórico – com a finalidade de proporcionar a imagem de uma cidade moderna do século XXI.

Atualmente, está em execução o *Shanghai Master Plan 2017-2035*, que procura dar continuidade com aprofundamento dos objetivos e temáticas do plano de 1999-2020. Utiliza, também, como lema: “*better city, better life*” (“cidade melhor, vida melhor”). Apresenta as seguintes estratégias norteadoras: uma cidade de inovação mais dinâmica; uma cidade humanística mais atraente; e uma ecocidade mais sustentável, almejando a excelência como cidade global.

Adaptar-se às novas tendências de desenvolvimento: o mundo hoje testemunha a aceleração da urbanização sob o impacto de longo alcance da globalização intensificada, da mercantilização e informação. Por outro lado, o mundo está a entrar num novo período de transformação quando há uma tendência crescente para desenvolver ecocidades com características humanas e integração regional (*Shanghai Urban Planning*, 2018, p. 11).

Assim, no conjunto da expansão econômica da China, identifica-se a intensificação e a importância dos grandes projetos na reestruturação urbana. Destaca-se, a reprodução promovida em Xangai, que atinge diferentes padrões e diversificação de uso do solo, com forte capacidade de atração e seletividade, o que de forma rápida e contínua, promove transformações e conseqüentemente as desigualdades intra e interurbana.

Com efeito, para Brenner (2018, p. 211):

Embora certamente ligada à ideologia do capitalismo de livre diante de toda a diversidade contextual e mutação evolutiva, o denominador comum dos urbanismos neoliberais é o projeto fundamentalista do mercado de ativação das instituições públicas locais e capacitação dos atores privados para estender a mercantilização do tecido social urbano, coordenando a vida coletiva da cidade através de relações de mercado e promovendo, assim, o desmantelamento de espaços urbanos não mercantilizados e autogestionários.



As transformações estruturais são reforçadas na presença do Estado nas diferentes propostas de gestão, observadas nas figuras 1.1, 1.2, 1.3, 1.4 e 1.5. Harvey (2015) enfatiza que, no caso da China, o processo e crescimento da urbanização teve considerável investimento em infraestrutura, transportes e diferentes frentes para a urbanização; diferente da urbanização em outras partes do mundo direcionada para outros propósitos, baseados no transporte e melhorias seletivas na infraestrutura.

Em direção aos setores mais distantes do centro, observa-se as interações e a multifuncionalidade do uso do solo urbano, o que evidencia o plano das intervenções do Estado e os componentes dos espaços ocupados (figuras 5.1 a 5.7). Diante de tais observações, reconhece-se outra modalidade de urbanismo, de acordo com Chalas (2013), definido como urbanismo integrador. Para Chalas (2013, p.38), “é integrador porque percebe que nossos territórios contemporâneos se tornam mais fluídos, mais móveis, mais múltiplos e também mais nebulosos, mais indeterminados, mais incertos, mais imprevisíveis, em uma palavra, mais complexos”.



**Figura 5** – Vista parcial de alguns equipamentos urbanos em área próxima ao Aeroporto Internacional de Pudong – distrito de *Pudong*/ Xangai (China), 2024.



**Legenda**

5.1, 5.2 e 5.3 – uso comercial e residencial  
 5.4 Área comercial  
 5.5 Estação *Ling Kong* do metrô  
 5.6 Estacionamento da estação *Ling Kong*  
 5.7 Aeroporto Internacional de *Pudong*

**Fonte:** Missão Técnica Brasil-China 2024.



Destaca-se que, a maior autonomia municipal, a partir dos anos 1990, em Xangai, está sendo executada nos planos urbanos, a partir de uma política combinada de organização regional do espaço. Passa-se, a seguir, às considerações deste artigo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os chineses têm construído relações fiéis aos princípios socialistas, preocupados com a dignidade humana, com respeito ao bem público, com conhecimento e orgulho de sua história milenar. Cientes dos desafios e resistências que o novo encontra em um mundo no qual o crescente discurso da extrema direita se opõe, veementemente, à perspectiva de “prosperidade comum e futuro compartilhado”, lema chinês.

A imersão numa realidade que apresenta forte impacto das intervenções pela presença do Estado e os efeitos em diferentes setores do espaço urbano, vem acentuar pesquisas recentes que indicam como o Estado Chinês atua como um agente da urbanização. Nessa linha, seguindo as contribuições de Jabbour (2020), as condições tanto geográficas, como sociais e políticas, colaboraram, no caso de Xangai, no processo de reestruturação urbana. Jabbour (2020, p.6) também enfatiza que o Estado elaborou a grande estratégia chinesa de inserção na economia internacional, ao preparar o território para receber o capital estrangeiro, “formar uma economia continental, unificada e recortada por milhares de quilômetros de linhas de trens de alta velocidade, estradas e linhas de metrô; e, ser o empreendedor-em-chefe (emprestador e executor) de uma máquina de financiar e investir dentro e fora do país”.

A reestruturação econômica e urbana a partir dos anos de 1990, na região de Xangai, acentuou o processo de migração de moradores/trabalhadores que não possuíam o *hukou*; ou seja, sem possibilidades aos mesmos direitos que os antigos residentes. Por conta do aumento verificado nos decênios anteriores, o ano de 2010 representou um momento de maior rigidez no controle do registro populacional, o que elucidada, dessa forma, uma diminuição no número de habitantes.

O processo de reestruturação em Xangai provoca um efeito “imã” para a população, resultado das intervenções no espaço urbano; que não focou somente a área central; mas, a integração e infraestrutura em todos os setores da cidade. Dessa forma, o



desenvolvimento de Xangai, se efetiva pelas diretrizes e revisão de planos para a cidade, cujo diferencial é a realização de grandes projetos; uma cidade de inovação mais dinâmica; uma cidade humanística mais atraente; e uma ecocidade mais sustentável, almejando a excelência como cidade global.

Portanto, num contexto recente e, sobretudo, acentuado pelas reformas do Estado no espaço urbano, de um modo geral, reproduz novas formas e conteúdo para o uso do solo e de representação dos mecanismos cada vez mais inovadores que promovem novos olhares para experiências no espaço urbano em Xangai; ampliando a realização de novos negócios. Nota-se que a aderência aos objetivos de desenvolvimento sustentável parece estar bem mais avançado, quando comparado ao caso das cidades da América Latina, decorrente da densidade técnica observada, na renovação dos espaços públicos (produção dos parques, dos jardins e dos canteiros), ainda, pelo uso de veículos e das bicicletas elétricos e as estratégias voltadas à energia limpa e eficiência energética; infraestrutura de transporte; água e saneamento; proteção ambiental; infraestrutura social e infraestrutura digital.

Todavia, deve-se manter uma agenda de pesquisa com o propósito de acompanhar os efeitos do processo de substituição do uso do solo urbano e da recuperação das estruturas existentes.

## REFERÊNCIAS

BRENNER, N. Reestruturação, reescalonamento e a questão urbana. Tradução de Daniel Sanfelici; Karen Heberle. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n.33, p.198-220, 2013.

BRENNER, N. **Espaços da Urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrópoles, 2018.

CHALAS, Y. O Urbanismo: pensamento “fraco” e pensamento prático. Tradução de Elson Manoel Pereira e Alzira Krebs. In: PEREIRA, Elson Manoel. **Planejamento Urbano no Brasil: conceitos, diálogos e práticas**. Chapecó: Argos, 2013, p.21-46.

HARVEY, D. **A Economia Política da Urbanização**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6wWUdFXVXrw>. Acesso em: 20 jul. 2024.

JABBOUR, E. M. K. A China (muito) além da “Sopa de Wuhan”. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**. Edição Abril de 2020, publicada em 17 de Abril de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-china-muito-alem-da-sopa-de-wuhan/> Acesso em: 20 jul. 2024.



JABBOUR, E. M. K.; GOMES, Willian T. S. Do planejamento soviético à Nova Economia do Projeto. **Pesquisa e Debate**, São Paulo, v. 36, n. 1(65), 2024.

JABBOUR, E. M. K.; GABRIELE, Alberto. **China**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, E. M. K. *et al.* A (nova) economia do projeto: o conceito e suas novas determinações na China de hoje. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 77, p. 17-48, dez. 2020.

LI, Z.; WU, F. Socioeconomic Transformations in Shanghai (1990-2000): Policy Impacts in Global-National-Local Contexts. **Cities**, 23(4), 250-268, 2006.

LIN, G. C. S.; YI, F. Urbanização do capital ou capitalização da terra urbana? Desenvolvimento de Terras e Finanças Públicas Locais na Urbanização da China, **Geografia Urbana**, 32:1, 50-79, 2011. DOI: [10.2747/0272-3638.32.1.50](https://doi.org/10.2747/0272-3638.32.1.50).

LU, H. **Beyond the Neon Lights**: Everyday Shanghai in the Early Twentieth Century. Berkeley: University of California Press, 1999.

NOVA, V. V. F. B. **Socialismo chinês, do planejamento aos projetos urbanos e de transporte**: a planificação do desenvolvimento [urbano-regional] desigual como expressão [territorial] da “nova economia do projeto”. 2024. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). IPPUR, UFRJ, 2024.

PAUTASSO, D.; NOGARA, T. **A China e a Nova Rota da Seda**: da reconstrução nacional a rivalidade sino-estadunidense. São Paulo: Editora de Cultura, 2024.

PECK, J.; THEODORE, N.; BRENNER, N.. Neoliberal Urbanism: Models, Moments, Mutations. **SAIS Review of International Affairs**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 49-66, 2009.

PINTO, R. M. C. A contrarrevolução urbana e o novo papel da china: questões para a urbanização brasileira. *In*: CARLOS, Ana F; CRUZ, Rita de C. A. da (orgs.). **Brasil presente!** São Paulo: FFLCH/USP, 2020, p. 313-331.

RANGEL, I. **Elementos de Economia do Projeto**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

REIS, L. F. A aglomeração de Xangai e as transformações da estrutura espacial da sua área central: declínio e renovação. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.22, E202002, 2020.

RIBEIRO, A. C. T. A atualização técnica do urbano. **Cidades**, Presidente Prudente, vol.5, N.8, p. 189-213, jul-dez-2008.

SÁNCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v.1, n.16, p. 31-49, jun. 2001.

SHANGHAI URBAN PLANNING. **Shanghai Master Plan 2017-2035**. Shanghai: Shanghai Urban Planning, 2018.

SHIN, H. B.; ZHAO, Y. Urbanism as a State project. *In*: **Chinese Urbanism**. [s.l.]: Routledge, 2018. p. 30-46.

SOJA, E. W. Economic restructuring and the internationalization of Los Angeles. *In*: **The capitalist city**. SMITH, M. P.; FEAGIN, J. R. (orgs.), p.178-198. Cambridge, MA: Clackwell, 1987, p. 178-198.



WOETZEL, J.; SEONG, J.; LEUNG, N. China and the world - Inside the dynamics of a changing relationship. **McKinsey Global Institute**, [S. l.], July, p. 33, 2019.

WU, F. China's great transformation: Neoliberalization as establishing a market society. **Geoforum**, 2008.

WU, F. Commodification and housing market cycles in Chinese cities. **International Journal of Housing Policy**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 6–26, 2015.

WU, F. Emerging Chinese Cities: Implications for Global Urban Studies. **Professional Geographer**, [S. l.], v. 68, n. 2, p. 338–348, 2016.

YE, Qi *et al.* **China's New Urbanisation Opportunity**: a Vision for the 14th Five-Year Plan. London: Coalition for Urban Transitions, 2020.

YUSUF, S.; WU, Weiping. Pathway to a World City: Shanghai Rising in an Era of Globalisation. **Urban Studies**, 39(7), 1213-1240, 2002.

ZHANG, L. Economic Development in Shanghai and the Role of the State. **Urban Studies Journal Limited**, v. 40, n. 8, p. 1549-1572, jun./2003.

ZHENG, Z.; BOHONG, Z. Study on Spatial Structure of Yangtze River Delta Urban Agglomeration and its Effects on Urban and Rural Regions. **Journal of Urban Planning and Development**, 138(1), 2012, p. 78-89.

Recebido em agosto de 2024.

Revisão realizada em outubro de 2024.

Aceito para publicação em novembro de 2024.

